

sinopse Mária e Endre (Alexandra Borbély e Géza Morcsányi, respectivamente) trabalham num matadouro em Budapeste, Hungria. Ele é director financeiro; ela é inspectora de qualidade. São ambos pessoas tímidas e reservadas. Todas as noites eles têm o mesmo sonho: são um casal de veados apaixonado que se encontra numa floresta coberta de neve. Ao descobrir que partilham a mesma fantasia, ficam perturbados mas tentam descobrir o motivo. É então que, pouco a pouco, Mária e Endre se dispõem a encontrar um no outro o amor que partilham no sonho. Contudo, na vida real tudo lhes parece mais complicado... **Uma história de amor escrita e realizada por Ildikó Enyedi (“Vakond”, “O Meu Século XX”) que recebeu o Urso de Ouro e o prémio FIPRESCI na edição de 2017 do Festival de Cinema de Berlim.**

Título original: Testről és lélekről (Hungria, 2017, 116 min.)

Realização e Argumento: Ildikó Enyedi

Interpretação: Géza Morcsányi, Alexandra Borbély, Zoltán Schneider

Fotografia: Máté Herbai

Montagem: Károly Szalai

Produção: Inforg-M&M Film Kft

Classificação: M/12

Estreia: 21 de Dezembro de 2017

Distribuição: Leopardo Filmes



Filme húngaro a caminho dos Óscares

João Lopes, DN

Vencedor do Urso de Ouro de Berlim no passado mês de fevereiro e candidato húngaro a uma nomeação para o Óscar de melhor filme estrangeiro, eis um objeto serenamente fora de moda, encenando a mais insólita das relações amorosas: um homem e uma mulher, ambos profissionais no ambiente de metódica crueza de um matadouro, descobrem que, noite após noite, partilham os mesmos sonhos...

Ildikó Enyedi, a realizadora de O Meu Século XX (1989), filma essa silenciosa cumplicidade como uma fábula transcendental que, afinal, se inscreve num cenário de desencantado realismo.

Estamos perante um cinema de emoções à flor da pele que, acima de tudo, confia na excelência dos seus atores o destaque vai para a admirável Alexandra Borbély, distinguida como melhor actriz do ano nos Prémios do Cinema Europeu.

Debaixo da pele

Jorge Mourinha, *Publico*

Tão frustrante como fascinante, o regresso da húngara Ildikó Enyedi depois de 18 anos sem filmar é elíptico, abstracto, cerebral, intrigante.

Há qualquer coisa de “conto de fadas” no percurso da húngara Ildikó Enyedi – que, depois de 18 anos sem filmar uma longa-metragem, vê o seu regresso com este *Corpo e Alma* vencer o Urso de Ouro em Berlim e entrar na shortlist das nomeações para Óscar de melhor filme estrangeiro. É um “conto de fadas” que vai de encontro ao percurso discreto mas persistente do cinema húngaro recente pelo circuito de festivais e de distribuição alternativa, que já trouxe a Portugal filmes de Bence Fliegauf, Kornél Mundruczó ou Györgyi Pálfi – e, embora Enyedi seja mais contemporânea da geração anterior de Béla Tarr ou István Szábo, *Corpo e Alma* está muito próximo da estranheza alegórica e urgente destes jovens cineastas. Aliás, o próprio início do filme, que tem como ponto de partida um matadouro, remete para o *Deus Branco* de Mundruczó (2014), antes de perseguir uma direcção completamente diferente: um quebra-cabeças abstracto, elíptico, que reúne dois solitários, duas almas perdidas que trabalham no matadouro. Endre, o veterano director financeiro, e Mária, a nova inspectora de qualidade, têm feridas profundas que talvez nunca saiam, mas têm também sonhos em comum. Literalmente: à noite, eles sonham exactamente a mesma coisa, como se o universo lhes estivesse a querer dizer qualquer coisa, a eles os dois, a juntá-los, a dizer-lhes que foram feitos um para o outro.

Corpo e Alma é um filme Hanekianamente entomológico, formalista até dizer chega, meticulosamente montado e que atira para o ar uma quantidade de ideias absolutamente fascinantes sobre a condição e as relações humanas. Mas é também um filme profundamente estranho, no duplo sentido da estranheza procurada e de uma estranheza intrínseca com a qual o espectador tem dificuldades em se engajar. Mária, a que Alexandra Borbély dá uma presença quase alienígena, próxima da Scarlett Johansson de *Debaixo da Pele*, é um ser tão magoado, tão fechado sobre si próprio na sua fastidiosa obsessão pela precisão que contamina todo o filme; Enyedi filma com um virtuosismo que se aproxima do gélido, mas ao mesmo tempo com genuíno interesse e amor pelas suas personagens, e faz o espectador sentir a solidão que lhes vai na alma. O seu filme é, de certo modo, ele próprio um “conto de fadas” moderno, duro, perversamente perturbador, mas contado com uma inteligência artística que deixa muito rapidamente pelo caminho quaisquer medos de que a sua repercussão internacional se devesse apenas ao exotismo da sua origem. Há cabeça em *Corpo e Alma*, mesmo que o filme apele mais ao cerebral do que ao emocional.

